

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC TIAGO DA COSTA PIRES

BATALHA DE SAMAR, 1944:

Teriam o estresse e a fadiga influenciado na decisão do Almirante Kurita?

Rio de Janeiro

2019

TIAGO DA COSTA PIRES

BATALHA DE SAMAR, 1944:

Teriam o estresse e a fadiga influenciado na decisão do Almirante Kurita?

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Nilson da Silva Moreira.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais pelos ensinamentos e exemplos ministrados durante toda a minha vida. Tais ensinamentos são a base de meus princípios e os seus exemplos são onde eu espelho minhas ações no dia a dia.

Ao CMG (RM1) Nilson, sou grato pelo tempo, atenção e paciência despendidos comigo durante todo o processo de escrita.

A minha esposa Marcelly e meus filhos Fernanda, Luíza e Rael peço desculpas pelos momentos de ausência e agradeço por serem minha inspiração para seguir em frente nos momentos de cansaço e dificuldades.

Por último, agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui contando com o apoio das pessoas que estimo.

RESUMO

A pesquisa aborda, dentro do tema intuição e racionalidade nos processos decisórios, a polêmica decisão do almirante da marinha imperial japonesa Takeo Kurita que, durante a Batalha de Samar, ocorrida em 25 de outubro de 1944, no âmbito da Segunda Guerra Mundial no Pacífico, decidiu recuar suas forças mesmo quanto tinha uma boa vantagem e poderia causar severas perdas ao inimigo. Dentre as mais variadas hipóteses que surgiram para justificar essa decisão, aventou-se a possibilidade de o almirante Kurita estar cansado e estressado e que isso teria influenciado em sua decisão. O propósito desse trabalho é analisar se o cansaço e o estresse conseguem influenciar nas decisões de comandantes militares extremamente determinados, disciplinados e habituados a batalhas e a decisões difíceis. Para isso responderemos ao seguinte questionamento: Teriam o cansaço e o estresse influenciado na decisão do almirante Kurita em recuar suas forças na Batalha de Samar? A fim de encontrarmos uma resposta, foram descritas e analisadas as principais decisões tomadas pelo almirante Kurita, à luz da teoria das decisões, que foi utilizada como ferramenta para nos ajudar no entendimento de tal processo decisório. A pesquisa foi estruturada em seis capítulos onde são apresentadas teorias, aspectos psicossociais do povo japonês e peculiaridades táticas e estratégicas da Batalha do Golfo de Leyte. Após uma análise das opiniões de diversos autores a respeito da decisão em estudo, concluiu-se que o cansaço e o estresse não influenciaram na decisão do almirante Kurita, eles apenas alteraram sua percepção na cena de ação durante a Batalha de Samar.

Palavras-chave: Percepção, cansaço, estresse, racionalidade, intuição, processo decisório, tática, estratégia, Batalha de Samar, Almirante Kurita.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	EMBASAMENTO TEÓRICO	7
2.1	O que é percepção?	8
2.2	O processo de tomada de decisão	9
2.3	Erros e vieses mais comuns na tomada de decisão	10
2.4	A Fricção e a Névoa da Guerra	13
3	O JAPÃO DA ERA FEUDAL ATÉ A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	14
3.1	Breve histórico	14
3.2	O expansionismo japonês pós era Meiji até a 2ª Guerra Mundial	15
3.3	O Almirante Kurita	18
4	A BATALHA DO GOLFO DE LEYTE	20
4.1	A defesa japonesa	22
4.2	As batalhas	23
4.2.1	Batalha do Mar de Sibuyam	23
4.2.2	Batalha do Estreito de Surigao	24

4.2.3	A batalha do Cabo Engaño	25
4.2.4	A batalha de Samar	26
5	ANÁLISE DAS AÇÕES DO ALMIRANTE KURITA NA BATALHA DO GOLFO DE LEYTE COM BASE NA TEORIA APRESENTADA	29
5.1	Cronologia das ações do Almirante Kurita na Batalha do Golfo de Leyte	29
5.2	Opiniões de alguns autores	33
6	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	41
	GLOSSÁRIO	42
	ANEXO	43

1 INTRODUÇÃO

No dia 25 de outubro de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (2ª GM), no teatro de operações do Pacífico, uma força naval mais veloz e mais poderosa, após embates iniciais, desiste de perseguir seu inimigo e recua. Desiste também de seu plano principal de atacar a força de desembarque de seu inimigo, que se encontrava desprotegida, e recua para regiões mais seguras. Instrumento principal de um plano que poderia conseguir um acordo de paz mais favorável para seu império, essa força, tida como uma das últimas esperanças do seu povo, carregava ainda o peso de representar uma marinha gloriosa e tradicional. Essas decisões importantíssimas foram tomadas pelo mesmo homem. O vice almirante Takeo Kurita durante a Batalha de Samar, uma das Batalhas do Golfo de Leyte na 2ª GM.

Todos os dias temos que tomar diversas decisões, desde as mais simples até as mais complexas. Fazemos isso muitas vezes sem pensar ou, pelo contrário, passamos dias angustiados pensando sobre como tomar uma decisão importante. Agora, imaginem se essa decisão envolvesse a vida de milhares de pessoas? Ou, se envolvesse o futuro do seu Estado? E se você não tivesse muito tempo para tomar essa decisão? Por muitas vezes na história da humanidade alguns chefes militares tiveram que passar por essa situação. E o almirante Kurita foi mais um deles.

Diante do exposto, a pergunta que todos fazem é: Por que o almirante Kurita recuou? O que o levou a tomar essa decisão? Dentre as diversas hipóteses levantadas, algumas apontaram para a influência do cansaço e do estresse em sua decisão.

O propósito desse trabalho é analisar se o cansaço e o estresse conseguem influenciar nas decisões de comandantes militares extremamente determinados, disciplinados e habituados a batalhas e a decisões difíceis, usando como base para o estudo a polêmica decisão do almirante Takeo Kurita na batalha de Samar em 1944.

A relevância desse trabalho se dá na oportunidade que dará aos militares, principalmente aos que tiverem que tomar decisões difíceis e importantes, de conhecerem melhor os fatores que podem influenciar suas decisões e agirem para evitá-los ou amenizá-los.

O trabalho descreverá e analisará as principais decisões tomadas pelo almirante Kurita no dia 25 de outubro de 1944, à luz da teoria das decisões, que será utilizada como ferramenta para auxiliar-nos no alcance do nosso propósito.

Para isso, estruturaremos a pesquisa em seis capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos uma ideia geral do trabalho. No segundo faremos um embasamento teórico, onde definiremos os diversos processos de tomada de decisão observados, fatores capazes de alterar a nossa percepção dos fatos, bem como os principais erros e acertos que as pessoas costumam cometer ao tomarem decisões. No terceiro capítulo analisaremos os antecedentes da história do Japão desde a era feudal até a 2ª GM, a fim de compreendermos melhor as particularidades culturais e psicossociais do povo japonês. No quarto capítulo descreveremos resumidamente as batalhas ocorridas no Golfo de Leyte a fim de verificarmos de que forma os fatores táticos podem ter influenciado nas batalhas e nas decisões tomadas pelo almirante. No quinto capítulo analisaremos detalhadamente os acontecimentos e as decisões do almirante Kurita tendo como base a teoria apresentada e, finalmente, no sexto capítulo faremos uma conclusão onde responderemos a pergunta proposta e verificaremos se alcançamos o nosso objetivo, além de apresentarmos linhas de pesquisas futuras possíveis.

Começemos então nosso estudo, iniciando por um embasamento teórico.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Para alcançarmos nosso propósito é fundamental entendermos como funciona o processo de tomada de decisão na mente humana e quais são os principais fatores que podem influenciá-lo. Nesse capítulo abordaremos as três formas de tomada de decisão: Racional, racionalidade limitada e intuição, além de conceitos importantes como a percepção e os erros e vieses mais comuns cometidos pelos decisores.

Tomar decisões é fazer escolhas entre duas ou mais alternativas (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010). A tomada de decisão ocorre em reação a um problema. Um problema existe quando se verifica uma discrepância entre o estado atual das coisas e seu estado desejável. Infelizmente, a maioria dos problemas não se apresenta de uma maneira tão clara. O que pode ser um problema para uma pessoa, pode ser um estado satisfatório para outra pessoa. Desta forma, admitir a existência de um problema e a necessidade de se tomar ou não uma decisão depende da nossa percepção (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010).

Ademais, para que qualquer decisão seja tomada é preciso que todas as informações disponíveis sejam avaliadas e interpretadas. Essas informações costumam vir de fontes variadas e precisam ser selecionadas, processadas e interpretadas. É a percepção do decisor que decide quais informações são relevantes ou não. Até mesmo a elaboração de alternativas, somado a análise dos pontos fortes e fracos de cada informação, dependem da percepção individual de quem está analisando. Em todo processo decisório podem surgir distorções perceptivas que podem afetar nossas análises e conclusões, por isso é tão importante entendermos primeiro a percepção para depois estudarmos o processo de tomada de decisão (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010).

2.1 O que é percepção?

Robbins; Judge; Sobral (2010) nos ensinam que a percepção nada mais é do que o processo pelo qual as pessoas recebem, organizam e interpretam informações baseadas nas impressões sensoriais captadas com o objetivo de dar um sentido ao seu ambiente. Porém o que é percebido no ambiente nem sempre condiz com a realidade objetiva. O que torna o estudo da percepção tão importante para entendermos os processos de tomada de decisão é o fato de o comportamento, as ações e as decisões das pessoas basearem-se em sua percepção da realidade, não na realidade em si. O mundo que importa para a tomada de decisão é o mundo como é percebido.

Diversos fatores podem influenciar, moldar e até mesmo distorcer nossa percepção sobre a realidade. Esses fatores podem estar localizados no objeto, no perceptor ou até mesmo no contexto da situação. Os fatores mais comumente encontrados no objeto são: Semelhança, proximidade, cenário, tamanho, sons, movimento e novidade. Os fatores mais comumente encontrados no perceptor são: Expectativas, experiência, interesses, motivações, personalidade e atitudes. E finalmente, os fatores mais comumente encontrados no contexto da situação são: Momento, ambiente social e ambiente de trabalho (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010).

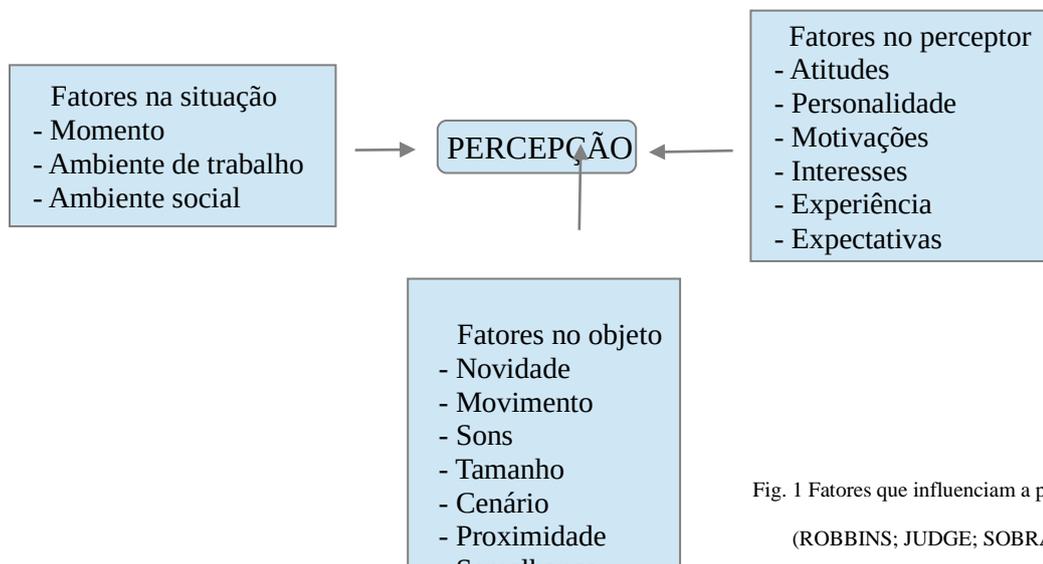


Fig. 1 Fatores que influenciam a percepção.
(ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010)

Dessa forma, nos fica claro que as características pessoais do perceptor, as características intrínsecas do objeto, bem como as peculiaridades da situação tem grande influência na maneira como percebemos a realidade e que essa percepção é individual e bastante sensível. Qualquer alteração em qualquer fator desses três agentes: Perceptor, objeto e situação podem modificar sobremaneira a nossa percepção da realidade.

Além das possíveis influências em nossa percepção vistas acima, as pessoas normalmente cometem erros provenientes das três formas de processos de tomada de decisão: Racional, racionalidade limitada e intuição. A seguir veremos mais detalhadamente esses três processos bem como os erros mais comuns existentes neles.

2.2 O processo de tomada de decisão

Sobre os modelos de tomada de decisão Robbins; Judge; Sobral (2010) são bem elucidativos quando dizem:

As pessoas pensam e raciocinam antes de agir. É por esse motivo que o entendimento de como tomam suas decisões pode ajudar a explicar e a prever seus comportamentos.

Em determinadas situações, as pessoas seguem o modelo racional de tomada de decisões. Poucas são as decisões suficientemente simples e sem ambiguidades para as quais podemos aplicar o modelo racional. Por isso, as pessoas buscam soluções satisfatórias, e não ótimas; incorporam vieses em seu julgamento e confiam em sua intuição (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010, p.184).

Segundo Robbins; Judge; Sobral (2010) temos normalmente três modelos de tomada de decisão: O modelo racional, a racionalidade limitada e a intuição. O modelo racional baseia-se no fato de o decisor possuir todas as informações necessárias e ser capaz de identificar as mais relevantes, de forma imparcial, e assim tomar a melhor decisão. O modelo racional de tomada de decisão descreve de que forma o indivíduo deve se comportar em cada situação a fim de maximizar determinados resultados. Porém, na vida real, é muito difícil que essa situação aconteça. Normalmente nos contentamos em aceitar uma decisão aceitável ou razoável para um problema. A capacidade humana de processamento de informações é limitada, o que torna impossível compreender e assimilar todos os dados necessários para

otimizar uma decisão. O que fazemos é reduzir um problema a um nível que possamos entendê-lo. Chamamos esse modelo de racionalidade limitada e ele baseia-se na construção de modelos simplificados, que extraem somente o essencial do problema para que possamos agir de forma racional dentro desses limites do modelo simplificado.

Já a intuição é um processo totalmente diferente. Baseada em experiências vividas, ela é um processo cognitivo inconsciente apoiado em associações holísticas¹ ou conexões difusas entre informações divergentes. É rápida e tem um grande componente afetivo, o que significa que ela tem muito a ver com as emoções (ROBBINS, 2010). A intuição é uma forma bastante complexa de raciocínio que pode ser desenvolvida ao longo do tempo, ou seja, pode ser treinada e aprimorada. Embora não seja muito recomendável confiar demasiadamente nela. Isso pelo fato de ela não ser quantificável, o que dificulta saber quando nossos palpites estão certos ou errados. A melhor solução é não abandonar a intuição e nem acreditar cem por cento nela, mas sim complementá-la com evidências, bom senso e criticidade (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010).

Além da Racionalidade Limitada e da intuição, as pessoas tendem a permitir que um grande número de erros e vieses comuns influenciem em seus julgamentos (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010). Veremos a seguir quais são esses erros e vieses mais comuns e faremos uma breve definição de cada um, a fim de torná-los elucidativos e deixar mais simples uma consulta futura ao longo desse trabalho.

2.3 Erros e vieses mais comuns na tomada de decisão

A mente humana, visando evitar o esforço e o estresse das decisões mais complicadas, tende a se utilizar excessivamente de sua própria experiência e de seus instintos e impulsos, o que ocasiona o surgimento de regras comuns, convenientes a cada momento.

1 Holístico: Que considera o todo não somente com uma junção de suas partes. Que busca entender os fenômenos por completo, inteiramente.

Em muitas situações esses atalhos podem dar certo, porém eles também podem nos conduzir a uma série de distorções da realidade. De acordo com Robbins; Judge; Sobral (2010) as distorções, erros e vieses mais comumente cometidos pelos decisores são:

- Percepção seletiva: Tendência que as pessoas têm de interpretar seletivamente o que veem, com bases nos próprios interesses, experiências e atitudes;
- Excesso de confiança: Tendência que as pessoas têm de superestimar sua capacidade e desempenho;
- Ancoragem: Tendência de ancorar o julgamento em uma informação inicial, o que dificulta o ajuste diante de informações posteriores;
- Evidência confirmadora: Tendência a buscar informações que corroborem escolhas anteriores e descartar as que contestem julgamentos prévios;
- Viés de disponibilidade: Tendência de julgar as coisas com base nas informações mais facilmente disponíveis;
- Escalada do comprometimento: Apego a uma decisão anterior, a despeito de informações negativas;
- Erro de aleatoriedade: Tendência individual de acreditar que se pode prever o resultado de eventos aleatórios;
- Aversão ao risco: Tendência a preferir um ganho certo de uma quantidade moderada a um resultado mais arriscado, mesmo que este tenha uma compensação mais alta; e
- Viés da compreensão tardia: Tendência a achar que sabíamos antecipadamente o resultado de um evento depois de ele ter ocorrido.

Além desses erros e vieses mais comumente observados, temos ainda um outro fator que influencia bastante no processo de tomada de decisão: O Fator Cultural. As diversas

culturas existentes no globo terrestre diferem nos mais variados assuntos, desde a orientação do tempo a importância da racionalidade, passando pela crença na habilidade das pessoas em resolver problemas ou em suas preferências pela tomada de decisão individual ou coletiva. Desse modo, devemos reconhecer que o histórico-cultural do tomador de decisão pode ter uma importância significativa na seleção dos problemas, na intensidade da análise, na relevância colocada na lógica e na racionalidade e no fato de a decisão ser tomada de forma autocrática ou coletiva pelo líder (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010).

Em virtude dos fatos apresentados podemos observar que o processo de tomada de decisão pode ser bastante complexo e que ele é, sem dúvida, bastante influenciável. Qualquer fator que possa agir sobre a percepção do decisor ou ainda sua origem e forma de pensar possuem uma grande importância para nos ajudar a entender uma decisão tomada. Se ela foi baseada na racionalidade ou na racionalidade limitada ou até mesmo em sua intuição. Podemos ainda observar, após o desencadear dos acontecimentos obviamente, se a decisão incorreu ou não em alguns dos erros e vieses mais comuns acima apresentados e quais fatores foram preponderantes para influenciar esse processo.

No próximo capítulo veremos mais detalhadamente as características intrínsecas do tomador da decisão do nosso estudo, Almirante Kurita, bem como da marinha japonesa e do próprio Japão na época da decisão em questão. O que nos ajudará a compreender melhor o pensamento vigente na marinha japonesa à época e quais fatores podem ter influenciado em sua percepção dos acontecimentos na Batalha de Samar em 1944. Porém, antes temos que analisar dois conceitos estritamente militares que são de grande importância para compreendermos as decisões em guerras e batalhas: A Fricção e a Névoa da Guerra.

2.4 A Fricção e a Névoa da Guerra

Desde os primeiros embates entre forças organizadas, os Comandantes de Teatros

de Operações tem sido influenciados ou condicionados por acontecimentos inesperados e por dúvidas e incertezas sobre o inimigo ou sobre o contexto da batalha.

Segundo o Comandante Caninas em seu artigo para a revista *Passadiço da marinha brasileira* em 2007, Clausewitz² englobou esses conceitos da seguinte forma:

Para Clausewitz, a fricção era o conjunto de fatores que distinguem a guerra real da guerra no papel. Pode-se entendê-la como o conjunto daqueles fatores inesperados que fazem com que o nosso planejamento não resista ao primeiro tiro sem sofrer profundas alterações. São eles as avarias, o mau tempo, as condições de propagação, a opinião pública etc.

A névoa da guerra, por sua vez, foi antes uma tentativa literária de definir uma ideia do que conceituá-la. Para um comandante, pode ser dito como sinônimo de incerteza, ou seja, a imperfeita correspondência entre informação e ambiente. Sob a névoa da guerra escondem-se os problemas que todos os escalões têm em compreender a situação tática como um todo; A desinteligência que surge do encontro de vontades e percepções. (CLAUSEWITZ citado por CANINAS, 2007, p.14).³

Como podemos observar, são dois conceitos simples, sobre situações abstratas, que dificultam ou modificam o planejamento inicial e as decisões tomadas em tempo real. Isso não quer dizer de forma alguma que o planejamento não é necessário ou que não devemos analisar todas as possibilidades antes das batalhas, mas sim que um comandante deve estar preparado para mudanças e adaptações em seus planos ao longo do processo. Caso contrário estará fadado ao fracasso. É fato que, muitas vezes, pressionado pelo tempo e pelas circunstâncias, um comandante encontra-se forçado a tomar decisões baseadas em informações incompletas (CANINAS, *Revista Marítima Brasileira*. 2007).

Veremos mais a frente que esses dois fatores: A Fricção e a Névoa da Guerra estiveram presentes na batalha de Samar em 1944 e analisaremos com mais detalhes como eles podem ter influenciado ou não nas decisões tomadas pelo Almirante Kurita nessa batalha.

2 Carl Von Clausewitz (1780-1831), militar prussiano considerado um grande estrategista da guerra.

3 CLAUSEWITZ, C. V. Da Guerra. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.79 e 84

3 O JAPÃO DA ERA FEUDAL ATÉ A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Algumas particularidades japonesas como o início da era Meiji⁴ na segunda metade do século XIX, as idiossincrasias⁵ do povo japonês e a situação geopolítica no leste asiático à época, nos ajudam a entender o expansionismo japonês no período e os motivos que levaram o Japão a participar, como um dos atores principais, da Segunda Guerra Mundial.

3.1 Breve histórico

Segundo Hermes⁶ (2003), o Japão vivia desde o século XII como uma sociedade feudal relativamente desenvolvida e com tecnologia pré-industrial, o imperador era uma figura simbólica e quem exercia o poder realmente era o Xogum⁷. A partir do século XVI com a chegada de comerciantes e missionários portugueses, foi iniciada uma intensa troca cultural e comercial com estrangeiros.

Com a ascensão ao poder do Xogum Tokugawa Ieyasu⁸ em 1603, contrário a presença estrangeira no Japão, foi iniciado o processo de isolamento do país, concretizado com seus sucessores que, em 1614, determinaram a expulsão de estrangeiros e a perseguição aos católicos. Esse isolamento durou por cerca de 250 anos, porém um fato marcante acabaria de vez com esse isolamento e moldaria de forma bastante singular o ethos⁹ da sociedade japonesa: A chegada da esquadra estadunidense comandada pelo almirante Perry¹⁰ em 1853. Ele exigiu a abertura do Japão para o comércio com os Estados Unidos da América (EUA).

4 Constitui-se no período de 45 anos do imperador Meiji no Japão, que se estendeu de 3 de fevereiro de 1867 a 30 de julho de 1912. Nessa fase, O Japão conheceu uma acelerada modernização, vindo a constituir-se em uma potência mundial.

5 Característica comportamental ou estrutural peculiar a um indivíduo ou grupo.

6 HERMES, M. J. F.; O Japão, Pearl Harbour e a saga do almirante Kimmel. REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 3º Tri. 2003.

7 Título militar usado no Japão feudal pelo general que comandava o exército.

8 Governou o Japão de 1603 a 1615.

9 Conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade.

10 Matthew Calbraith Perry (1794-1858), militar estadunidense que serviu a marinha do seu país de 1809 até a sua morte.

Desprovido de uma marinha capaz de contrapor-se o Xogum cedeu em 1854 e, com isso, sinalizou o fim de seu regime e ainda acendeu uma chama no orgulho da sociedade que influenciaria para sempre no futuro do Japão.

Sobre esse período o almirante Hermes cita em sua obra:

Uma pergunta ocorreu aos japoneses: Por que submeter-se a coerção policial do Xogunato, se ele nada significava em relação ao mundo exterior. Se ele permitia a insuportável submissão aos bárbaros? Iniciava, então, expandindo-se pelo país, forte movimento nacionalista que exigia desagravo. A história romântica do Japão, rica em heroísmos, é impressa em milhares de exemplares. As lendas sublimes são distribuídas em panfletos. A juventude inflama-se... (HERMES, M. J. F.; O Japão, Pearl Habour e a saga do almirante Kimmel. REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 3º Tri. 2003, p.44).

O orgulho da sociedade japonesa ferido ante as pressões das potências europeias foi um fator importante para impulsionar o nacionalismo e abrir caminho para um novo período no futuro do Japão. A era Meiji.

3.2 O expansionismo japonês pós era Meiji até a 2ª Guerra Mundial

Em 1868 sobe ao trono japonês Matsu-Hito¹¹ e com ele dá-se um acelerado desenvolvimento industrial no país, acompanhado de uma maciça política nacional de educação. A intenção era tirar o Japão, o mais rápido possível, da era feudal e colocá-lo no mesmo nível das principais potências europeias. Em uma geração ele conseguiu transportar o Japão da era medieval para os tempos modernos. A modernização na sociedade japonesa ultrapassou até mesmo a ocorrida na França napoleônica ou na Turquia de Kemmal Ataturk, segundo Hermes (2003).

A melhoria das técnicas médicas e sanitárias bem como a higiene moderna e as conquistas bacteriológicas europeias no combate a epidemias, causaram um aumento populacional alarmante no Japão (HERMES, 2003). Além disso, um arquipélago vulcânico, normalmente não possui muitos recursos minerais e espaços cultiváveis para o plantio.

11 Matsu-Hito (1852-1912), foi o 122º imperador do Japão. Reinou de 1868 até a sua morte em 1912.

Somando a esses dois fatores a chama acesa no orgulho da sociedade com a imposição comercial estadunidense, podemos concluir que o expansionismo japonês nesse período foi praticamente inevitável.

O primeiro país a sofrer as consequências do expansionismo japonês foi a China. Devido à disputa por influência na região da Coreia, ocorre nos anos de 1894-1895 a Primeira Guerra Sino-japonesa, com resultado favorável ao Japão. A região da Coreia passou a ser um protetorado virtual japonês, Taiwan passou a ser japonesa e o Japão passou a ocupar a parte sudeste da Manchúria (HERMES, 2003).

Nessa época a sociedade japonesa, extremamente nacionalista, tinha um sentimento de desprezo pela China devido a sua fraqueza ante as nações estrangeiras. Sobre esse sentimento o almirante Mario Hermes (HERMES, 2003) cita em sua obra:

A china por ser a terra continental mais próxima, foi a que primeiro atraiu a visita de japoneses qualificados. Lá aprenderam muito. Aprenderam, sobretudo, como não deveria ser o Japão... Devido a sua fraqueza e ingovernabilidade, o país vizinho estava em processo de entregar partes do território soberano a Grã-Bretanha, França e Alemanha. As concessões estrangeiras se estendiam por toda a China... Voltaram com o sentimento de que o Japão não permitiria que tal acontecesse na terra dos seus antepassados. Teriam que ser fortes... Durante a era Meiji, os japoneses passaram a ver a China não como uma nação, mas sobretudo como uma cultura, um estado de espírito. (HERMES, M. J. F.; O Japão, Pearl Harbour e a saga do almirante Kimmel. REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 3º Tri. 2003, pág. 50).

O segundo país a sofrer com o expansionismo japonês foi a Rússia. Os dois países disputavam o controle da península de Liaodong¹² na região da Manchúria e o governo chinês arrendou o importante porto de Port Arthur, no sul da península, para os russos em 1898. Após um ataque surpresa dos japoneses em 1904, a maior parte da esquadra do Pacífico russa é destruída e Port Arthur é sitiado, vindo a render-se somente em 1905. O imperador russo Nicolau II¹³ em vez de buscar uma negociação, determinou que a esquadra do Báltico contornasse o continente africano e navegasse dezoito mil milhas para lutar contra os japoneses. O epílogo dessa história deu-se com a vitória japonesa na histórica Batalha Naval

12 É uma península na província chinesa de Liaoning que separa o golfo da Coreia a leste do mar de Bohai a oeste.

13 Nicolau II (1868-1918), último imperador da Rússia. Deposto pela revolução russa de 1917.

de Tsushima em 1905.

Após algum tempo, o Japão percebeu que não conseguiria resolver sua necessidade de produtos com os territórios que possuía, o que levou seus governantes a tomarem a decisão de invadir toda a China em 1937, e resultou no que entrou para história como a Segunda Guerra Sino-japonesa (1937-1945). Segundo o professor doutor Gonçalves (2009), essa decisão foi o que, na verdade, deu início a Segunda Guerra Mundial. Continuando a escalada da crise, o presidente dos EUA, Franklin Roosevelt¹⁴, resolve romper com o Tratado Americano-Japonês de Comércio e Navegação em 1939. Em julho de 1941, necessitando desesperadamente de matérias primas, principalmente petróleo, e sofrendo com as restrições econômicas impostas pelos EUA, o Japão resolve invadir a Indochina. A colônia francesa era muito rica em borracha, porém o problema japonês da falta de petróleo continuaria. Os EUA, por sua vez, congela os ativos japoneses em seu território, fecha o canal do Panamá aos navios japoneses e determina o embargo de gasolina para o Japão. O próximo passo japonês foi o ataque a base naval estadunidense em Pearl Harbor, no Havaí em 07 de dezembro de 1941 (GONÇALVES, 2009).

Após diversas outras batalhas na campanha do Pacífico, dentre elas a Batalha de Guadalcanal entre agosto de 1942 e fevereiro de 1943, Campanha das Ilhas Marianas entre junho e novembro de 1944 e a Batalha do Mar das Filipinas em junho de 1944. Todas com intensos combates aéreos, navais e terrestres nas ilhas e todas com vitórias dos EUA e grandes perdas de ambos os lados, porém sempre com mais perdas japonesas. A próxima grande batalha é a Batalha do Golfo de Leyte, ocorrida entre os dias 23 e 25 de outubro de 1944. Composta por outras quatro batalhas: Batalha do Mar de Sibuyam, Batalha do Estreito de Surigao, Batalha do Cabo Engaño e Batalha de Samar, esta última onde ocorreu a decisão que é o objeto do nosso estudo e será melhor analisada mais a frente neste trabalho.

14 Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), foi o 32º presidente dos Estados Unidos da América. Presidente de 1933 a 1945.

3.3 O Almirante Kurita

O vice almirante Takeo Kurita nasceu em 28 de abril de 1889 em Mito, província de Ibaraki, no Japão. Formou-se na marinha imperial japonesa em 1910 e como aspirante teve oportunidade de servir nos cruzadores Kasagi e Niitaka. Serviu bastante tempo em contratorpedeiros nas décadas de 1920 e 1930 e especializou-se no emprego de torpedos. Foi diversas vezes designado comandante de grupos de contratorpedeiros. Alcançou o posto de Contra Almirante em 1938. Comandando a 7ª divisão de cruzadores, participou do ataque a Pearl Harbor e, em fevereiro de 1942, participou da invasão de Java nas Índias Orientais Holandesas. Ainda em 1942 foi promovido a vice almirante e recebeu o comando da 3ª divisão de encouraçados. Participou da Batalha de Guadalcanal e em outubro de 1942 efetuou um intenso bombardeio em Henderson Field. Entre julho de 1943 e dezembro de 1944 ele era o comandante em chefe da 2ª esquadra Japonesa. Na Batalha do Mar das Filipinas, Kurita comandava a 2ª esquadra e o Almirante Ozawa¹⁵ a 1ª esquadra. As forças japonesas sofreram pesadas perdas, principalmente a 1ª Frota, perdendo três porta-aviões e inúmeros pilotos experientes.

As duas esquadras tiveram um papel importante na Batalha do Golfo de Leyte. A do almirante Ozawa coube um papel diversionário que foi de extrema importância para os planos japoneses, porém suas perdas foram pesadas e causaram poucos danos as forças inimigas. A do almirante Kurita coube o papel principal, aplicar um intenso golpe nas forças estadunidenses. Mesmo com muita coisa dando errado para os japoneses, com a fricção e a névoa da guerra se fazendo presentes de forma intensa no contexto decisório do almirante Kurita, a oportunidade surgiu, e por algum motivo ela não foi devidamente aproveitada. Analisar essa situação é objeto desse estudo. O almirante Kurita morreu em sua casa,

15 Jisaburo Osawa (1886-1966), almirante japonês comandante-em-chefe da última frota combinada imperial japonesa na Segunda Guerra Mundial.

enquanto dormia, em 19 de dezembro de 1977.

Podemos concluir, observando o exposto anteriormente, que o povo japonês no início do século XX era um povo resiliente, determinado e que tinha bastante orgulho de sua história guerreira. Era avesso a intervenção externa, além de não gostar de se sentir inferiorizado por outras sociedades. Suas forças armadas eram fortes, atualizadas tecnologicamente e tinham planos ambiciosos para o controle do Pacífico. Sua marinha de guerra era bastante adestrada e organizada e, seus oficiais eram líderes abnegados que não estavam atrás, em matéria de conhecimento e experiência, de nenhuma oficialidade no mundo. O território japonês é pobre em recursos naturais e em áreas cultiváveis, o que faz com que o Japão esteja sempre precisando importar matérias-primas e alimentos. E, por último, o almirante Kurita era um oficial bastante experimentado, tinha se mostrado ao longo de todas as batalhas que participou um líder coerente e bastante respeitado na marinha imperial japonesa.

4 A BATALHA DO GOLFO DE LEYTE

A disputa militar que ocorreu no Oceano Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial entre os Estados Unidos da América e o Japão tem características bastante peculiares. Além de um teatro de operações gigantesco, englobou todas as modalidades conhecidas, e até desconhecidas, de ações bélicas navais. Desde operações submarinas, de superfície, aéreas, anfíbias e, até mesmo, ataques suicidas de aviões. Além disso, devido as enormes distâncias, os dois lados foram obrigados a possuir o controle de áreas marítimas específicas, delimitadas por fortificações nas diversas ilhas existentes no teatro do Pacífico (MARTINS, 2009).

Ao decidir expandir os seus domínios no Pacífico, o Japão procurou dar um golpe bastante forte e quebrar a espinha dorsal das forças navais do seu inimigo com o ataque surpresa a Pearl Harbor. A expansão japonesa no Pacífico só foi barrada nas Batalhas do Mar de Coral e de Midway, com muitas perdas japonesas, incluindo cinco porta-aviões e muitos pilotos experientes. Porém, mesmo após esses embates, o Pacífico continuava sob amplo domínio japonês (MARTINS, 2009).

A ofensiva dos EUA no Pacífico tinha sido dividida em duas grandes frentes: A pelo centro, saltando de ilha em ilha, coube a marinha, chefiada pelo almirante Nimitz¹⁶. E a pelo sudoeste, seguindo a costa da Nova Guiné, coube ao exército, chefiado pelo general Douglas MacArthur¹⁷, ao qual foi colocada sob suas ordens para apoiá-lo a 7ª esquadra dos EUA, sob o comando do almirante Kinkaid¹⁸ (MARTINS, 2009).

Em meados de 1944 a ofensiva sudoeste havia alcançado o extremo norte da Nova Guiné e a ofensiva central havia tomado Saipan. O próximo passo deveria ser uma operação combinada entre as duas ofensivas, de maneira que possibilitasse o ataque direto ao território

16 Chester William Nimitz (1885-1966), comandante da frota estadunidense do Pacífico na Segunda Guerra Mundial.

17 Douglas MacArthur (1880-1964), general estadunidense comandante do exército dos EUA no teatro do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial.

18 Thomas Cassin Kinkaid (1888-1972), almirante estadunidense que combateu no teatro do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial.

japonês. (MARTINS, 2009).

O momento de um passo importante tinha chegado, porém havia diversidade de opiniões entre Nimitz e MacArthur. A marinha preferia usar a costa chinesa para continuar a progressão e deixar para trás as Filipinas. O exército achava ser perigoso deixar os japoneses das Filipinas na retaguarda do avanço, achava também que a costa chinesa não era muito confiável e que havia um compromisso moral dos EUA com as Filipinas, sua antiga possessão. O presidente Roosevelt decidiu pela ideia de manobra do general MacArthur. Ele teria a 7ª esquadra do almirante Kinkaid reforçada pela 3ª força anfíbia de Nimitz, ambas sob o seu comando, para realizar um desembarque no Golfo de Leyte. A força de desembarque deveria ser protegida ao largo pela 3ª esquadra, sob comando tático do almirante Halsey¹⁹ (MARTINS, 2009).

Segundo o almirante Hélio Leôncio Martins (MARTINS, 2009), as forças navais estadunidenses envolvidas no desembarque em Leyte eram as seguintes²⁰:

– 7ª esquadra – Grupo de apoio de fogo e bombardeio – 6 encouraçados, 5 cruzadores pesados, 6 cruzadores ligeiros, 3 flotilhas de contratorpedeiros, 18 navios aeródromos de escolta, 12 contratorpedeiros de escolta, 39 lanchas torpedeiras. Contando com todos os navios, incluindo os de apoio e desembarque, a 7ª esquadra era composta por mais de 700 navios;

– 3ª esquadra – Constituída pela FT 38, com quatro Grupos Tarefa: 38.1, 38.2, 38.3 e 38.4 cada um com 3 ou 4 navios aeródromos ou navios aeródromos ligeiros, totalizando 15 navios aeródromos. Além de 800 aviões entre caças e bombardeiros, 6 encouraçados, 6 cruzadores pesados, 9 cruzadores ligeiros e 58 contratorpedeiros; e

– 6ª esquadra – A força de submarinos, que agia independente, e em Leyte,

19 William Frederick “Bull” Halsey (1882-1959), almirante estadunidense que combateu no teatro do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial.

20 Maiores explicações sobre as características dos navios estão no glossário.

contava com uma quantidade entre 25 a 30 submarinos.

4.1 A defesa japonesa

Como vimos anteriormente, em meados de 1944 a situação japonesa na guerra estava crítica. O comandante da força combinada japonesa, almirante Toyoda²¹, sabia que dificilmente o Japão conseguiria inverter o destino dessa guerra. A derrota era provável. A fim de aumentar a defesa das Filipinas, Formosa e Cingapura, regiões vitais para o fornecimento de matérias-primas e para a proteção das linhas de comunicações marítimas, Toyoda sugeriu ao alto comando imperial deixar a defesa das posições do Pacífico central e nordeste a cargo das defesas locais. Toyoda acreditava firmemente que a última chance que o Japão tinha de terminar essa guerra com alguma honra era conseguir uma vitória espetacular, de grande repercussão política, a qualquer custo, mesmo que para isso fosse necessário um último esforço. Esperava assim poder negociar condições de paz melhores para o Japão. (MARTINS, 2009).

Para executar a estratégia defensiva japonesa nesse período da guerra foram elaborados os planos SHO, que foram distribuídos da seguinte forma:

- SHO 1 – Defesa das Filipinas;
- SHO 2 – Defesa de Formosa, Nansei Shoto²² e Kyuchu²³;
- SHO 3 – Nansei Shoto; e
- SHO 4 – Hokkkaido²⁴.

Segundo informações obtidas pelos japoneses, o próximo passo dos EUA seria a invasão das Filipinas, então deveria ser posto em prática o plano SHO 1, que consistia em dividir da seguinte forma as forças navais japonesas, cada uma com uma função específica,

21 Soemu Toyoda (1885-1957), almirante da marinha imperial japonesa durante a Segunda Guerra Mundial.

22 Grupo de pequenas ilhas que fica ao norte Taiwan e ao sul do arquipélago principal japonês.

23 Terceira maior ilha do principal arquipélago japonês. Localizada mais ao sul do arquipélago.

24 Segunda maior ilha do principal arquipélago japonês e a mais setentrional delas.

todas sob o controle e coordenação de Toyoda em Tóquio:

– 2ª esquadra – dividida em três seções: A, B e C. As seções A e B sob o comando direto do almirante Takeo Kurita e continha 5 encouraçados, 10 cruzadores pesados, 1 cruzador leveiro e 15 contratorpedeiros. A seção C, sob o comando do almirante Shoji Nichimura possuía 2 encouraçados, 2 cruzadores pesados e 4 contratorpedeiros;

– 3ª esquadra – Sob o comando do almirante Ozawa continha 1 navio aeródromo, 3 navios aeródromos ligeiros, 2 encouraçados chamados de híbridos por terem trocado os canhões de grossos calibres da popa por um convés de voo, 3 cruzadores ligeiros e 10 contratorpedeiros;

– 5ª esquadra – Sob o comando do almirante Shima, possuía 2 cruzadores pesados, 1 cruzador leveiro e 7 contratorpedeiros;

– 6ª esquadra – Força de submarinos, sob o comando do almirante Miwa, possuía 25 submarinos ao redor das Filipinas;

– 1ª esquadra aérea – Sob o comando do almirante Onishi, possuía 150 aviões baseados nas Filipinas; e

– 2ª esquadra aérea – Sob o comando do almirante Fukudome, possuía 450 aviões baseados em Formosa.

4.2 As batalhas

4.2.1 Batalha do Mar de Sibuyam

Ao ser ativado o plano SHO 1, as forças de Kurita e Nishimura partem de Brunei para cumprir suas missões em 22 de outubro. A força de Kurita deveria deixar a ilha de Palawan a direita e seguir em direção ao Mar de Sibuyam. As forças de Nishimura deveria deixar a ilha de Palawan a esquerda e seguir pelo Mar de Sulu até o Estreito de Surigao. Na manhã do dia 23 de outubro, as forças de Kurita sofrem um ataque de submarinos norte-

americanos quando alcançam a passagem de Palawan. Dois cruzadores pesados foram afundados e um terceiro seriamente avariado. Um dos cruzadores perdidos era o capitânia da força e o almirante Kurita e seu estado-maior tiveram que ser resgatados do mar e transferidos para outro encouraçado. Ao chegarem ao Mar de Sibuyam na manhã do dia 24, houve um violento combate entre a força de Kurita, as aeronaves do GT 38.3 subordinado a Halsey e a aviação japonesa baseada em terra. Após esse ataque, os pilotos de Halsey também superestimaram seus resultados, o que levou o almirante a acreditar que a força de Kurita tivesse sido praticamente destruída. As 14 horas, após sofrer inúmeros ataques e solicitar sem sucesso cobertura aérea, Kurita inverte o rumo para oeste e retorna para o Mar de Sibuyam. Ao comunicar-se com Toyoda, lhe é determinado prosseguir com o plano através da seguinte ordem: “Avance contando com a proteção divina” (MARTINS, 2009, pág. 473). As 17 horas e 20 minutos Kurita volta ao rumo inicial leste, em direção ao Estreito de São Bernadino, não sendo mais atacado, porém atrasado em relação ao avanço de Nishimura. (BELOT, 1958).

4.2.2 Batalha do Estreito de Surigao

A força sob o comando do almirante Nishimura entrou no Mar de Sulu as 12 horas do dia 23 pelo Estreito de Balabac. Na manhã do dia 24 foi atacada por aviões estadunidenses. No início da madrugada do dia 25, por volta de 01h30 a força de Nishimura demanda o Estreito de Surigao, em coluna, velocidade 20 nós. Os aguardavam a força de cobertura do desembarque em Leyte, sob o comando do almirante Oldendorf, possuindo 6 encouraçados, 4 cruzadores pesados, 4 cruzadores ligeiros, duas flotilhas de contratorpedeiros e duas flotilhas de lanchas torpedeiras. É brutal a superioridade da força de Oldendorf. Ele a posicionou num dispositivo escalonado, colocando em primeiro plano, em relação ao avanço de Nishimura, as lanchas torpedeiras, depois os contratorpedeiros próximos as margens do Estreito, logo após os cruzadores e finalmente, na última linha, os encouraçados perpendiculares ao avanço de

Nishimura. A força C de Nishimura é massacrada. Só escapa um contratorpedeiro, o Shigure, cujo comandante envia um relatório para Toyoda em Tóquio (BELOT, 1958).

Poucas horas após a desgraça de Nishimura, Shima adentra o Estreito de Surigao com a sua força. Ele é rapidamente atacado pelas lanchas torpedeiras, sofre algumas avarias e, ao deparar com os destroços da força de Nishimura, compreende que certamente teria o mesmo destino e recua com a sua força para fora do Estreito de Surigao. Os navios sob o comando de Shima refugiam-se em diversos portos das Filipinas, sendo depois destruídos pelas forças estadunidenses. Apesar de não ter obtido sucesso, os avanços de Nishimura e Shima serviram para atrair grande parte da 7ª esquadra de Kinkaid para a sul, deixando o caminho ainda mais livre para Kurita, além de diminuir consideravelmente quantidade de munição disponível nas forças de Oldendorf (BELOT, 1958).

4.2.3 A batalha do Cabo Engaño

Ao ouvir a determinação de Toyoda para Kurita continuar com o plano no dia 24 de outubro, Ozawa direciona sua força para o sul e dá prosseguimento ao que tinha sido planejado. Halsey já havia decidido ir para o norte a fim de encontrar e destruir a força de Ozawa. Ajudaram-no nessa decisão, como já vimos antes, o retorno de Kurita para o rumo oeste e a superestimada avaliação feita por seus pilotos dos danos sofridos pela força de Kurita em ataques anteriores. Além disso, Halsey tinha uma personalidade que refletia sua agressividade em combate, como no caso da conquista das ilhas Salomão e das ofensivas iniciais estadunidenses. O fato de ele nunca ter participado de uma batalha naval também pesou em sua decisão. Em Midway e Marianas estava doente. Ao ver a oportunidade de destruir o que ele achava ser o corpo principal da força inimiga, Halsey não teve dúvidas em ir com toda a sua força para esse combate (BELOT, 1958).

A força de Ozawa contava com 1 navio aeródromo, 3 navios aeródromos ligeiros,

2 encouraçados mistos, 4 cruzadores ligeiros e 8 contratorpedeiros. A força de Halsey contava com 5 navios aeródromos, 4 navios aeródromos ligeiros, 6 encouraçados, 2 cruzadores pesados, 7 cruzadores ligeiros e 44 contratorpedeiros. A superioridade norte-americana era enorme, ainda mais porque a aviação embarcada de Ozawa estava reduzida a menos de 50 aeronaves devido a falta de pessoal qualificado (BELOT, 1958).

Na manhã do dia 25 de outubro, a cerca de 120 milhas de distância, é lançado o primeiro ataque dos aviões de Halsey. Eles encontram a força de Ozawa no rumo norte a fim de afastá-lo o máximo possível da força de Kurita. Ozawa tenta comunicações com Kurita para avisar que o plano tinha dado certo, porém não obtém sucesso. Durante toda a execução do plano SHO 1, a comunicação entre as forças japonesas e das forças com Tóquio foi ineficiente (BELOT, 1958).

Ozawa perde um navio aeródromo e dois navios aeródromos ligeiros. São avariados seriamente um navio aeródromo ligeiro e um cruzador ligeiro. Nesse momento ele considera que suas perdas já foram suficientes e que o plano de afastar Halsey de Leyte tinha sido executado a contento. Halsey toma conhecimento do ataque de Kurita a 7ª esquadra, reúne suas forças e volta a toda velocidade para o sul, deixando apenas um pequeno grupo para terminar com o restante das forças de Ozawa. Os dois navios seriamente avariados não resistem e são afundados. O que sobrou da força de Ozawa consegue refugiar-se no mar interior do Japão (BELOT, 1958).

4.2.4 A batalha de Samar

Após retornar ao rumo leste, Kurita consegue atravessar o Estreito de São Bernardino tranquilamente na madrugada do dia 25 de outubro. Ao amanhecer recebe a notícia de Shima informando da aniquilação da força de Nishimura. Antes das sete da manhã faz contato radar e visual com o que pensa ser uma grande força naval com navios

aeródromos e de escolta. Na verdade eram parte da força de Kinkaid que apoiavam o desembarque. Eram pequenos grupos divididos em três, chamados Taffy 1, 2 e 3. Cada uma com seis navios aeródromos de escolta, três contratorpedeiros e quatro contratorpedeiros de escolta. Separadas cerca de 40 milhas uma da outra, a Taffy 1 ficava ao sul de Leyte, a Taffy 2 ao centro e a Taffy 3 ao norte. A que Kurita tinha avistado era a Taffy 3 (MARTINS, 2009).

Kurita parte para o ataque com toda a sua força. A Taffy 3 procura afastar-se na direção sudeste a toda velocidade. Apesar da enorme desvantagem, o comandante do Taffy 3 sem muitas opções, decide combatê-lo com os navios escoltas e preservar os aeródromos de escolta, mais importantes. Um navio aeródromo de escolta foi afundado, os outros sofreram muitos danos. Todos os contratorpedeiros e contratorpedeiros de escolta sofreram avarias, sendo afundados dois daqueles e um desses. A bravura e o sacrifício do Taffy 3 não foi em vão. Conseguiram colocar quatro cruzadores pesados japoneses fora de ação e ainda deter a perseguição japonesa (MARTINS, 2009).

Kinkaid, desesperado, chama por Halsey, que lhe informa estar com toda sua força ao norte, na altura de Luzon, combatendo o corpo principal da força inimiga. Kinkaid vê-se em uma situação difícil pois Oldendorf também está longe e ainda por cima sem munição depois da batalha com a força de Nishimura no Estreito de Surigao (MARTINS, 2009).

Mesmo com todas as falhas norte-americanas, algo surpreendente ocorre: Ao ver sua força dispersa, duas horas após a perseguição e o combate com a Taffy 3, Kurita, com poder de fogo e velocidade maiores que o inimigo, determina a retirada de sua força a fim de reorganizá-la. Com essa desistência, deixava pra trás uma excelente oportunidade de conquistar uma vitória maior e destruir mais meios do inimigo. Por volta de 13 horas, sem qualquer explicação razoável, parte com sua força para o norte, abandonando completamente o plano de atacar a força de desembarque em Leyte (MARTINS, 2009).

O término da Batalha do Golfo de Leyte marca o fim das ações da marinha

imperial japonesa na guerra, mas não o fim da guerra ou dos combates sangrentos na disputa por ilhas e territórios. As ilhas Filipinas só foram totalmente conquistadas pelos EUA em setembro de 1945, junto com a rendição do Japão. Os combates para a conquista de Iwo Jima e Okinawa foram tão intensos e com tantas perdas que serviram para justificar o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, pois acreditava-se em um número de vítimas bem maiores para a conquista do efetivo território japonês (MARTINS, 2009).

Nó próximo capítulo analisaremos melhor a decisão do almirante Kurita de não continuar a perseguição a Taffy 3 ou atacar a força de desembarque estadunidense, a luz da teoria apresentada no capítulo dois, bem como observaremos opiniões de diversos autores sobre o assunto.

5 ANÁLISE DAS AÇÕES DO ALMIRANTE KURITA NA BATALHA DO GOLFO DE LEYTE COM BASE NA TEORIA APRESENTADA

Analisar decisões complexas tomadas por chefes militares em momentos decisivos da história é uma tarefa bastante complexa, afinal de contas dificilmente teremos cem por cento das informações que se passavam na cabeça do decisor no momento da decisão. Às vezes, mesmo quando o próprio decisor tenta explicar, a decisão não parece clara. No caso do almirante Kurita ocorre algo similar. Ele falou duas vezes sobre o assunto: Em uma entrevista para um jornalista japonês chamado Masanori Ito, que a relata em seu livro, e outra para a Divisão de Análise Naval dos EUA, como parte dos interrogatórios a oficiais japoneses realizados após a guerra. Ambas as repostas foram “vagas e não convincentes” (MARTINS, 2009, pág. 484). Para o jornalista, admitiu que errou e que sua mente estava “extremamente fatigada e que fez um julgamento de exaustão” (ITO, 1965, pág. 141). Para os norte-americanos nos interrogatórios não admitiu que errou, mas sim que mudou de direção e foi para o norte para encontrar-se com Ozawa e combater a força de Halsey. Em todo caso, não nos cabe julgar se ele errou ou não, e sim analisar as consequências de suas decisões e os fatores que podem tê-lo levado a tomá-las.

A fim de organizar nossa análise e facilitar a comparação com a teoria, faremos agora um acompanhamento cronológico das ações do Almirante Kurita na Batalha do Golfo de Leyte.

5.1 Cronologia das ações do Almirante Kurita na Batalha do Golfo de Leyte

Ao detalhar o máximo possível as ações do almirante Kurita na Batalha do Golfo de Leyte e compará-las com a teoria exposta no capítulo dois, queremos verificar a aderência das decisões a teoria apresentada e ter um embasamento melhor para comparar nossas conclusões a respeito do recuo do almirante Kurita com as conclusões de diversos autores que

serão apresentadas mais a frente.

– Dia 22 de outubro de 1944: Após a ativação do plano SHO 1, no trânsito entre Bornéu e o Mar de Sibuyan, o almirante Kurita reúne seus oficiais e faz um discurso motivador onde realça o compromisso da marinha ante ao sacrifício que toda nação estava fazendo naquela guerra (ITO, 1965, pág. 100; MARTINS, 2009, pág. 484); Análise: Apesar de quase ser uma obrigação de um chefe militar motivar o seu pessoal para o combate, o sacrifício realçado por ele pode remeter ao fator cultural e ao ethos do povo japonês.

– Na manhã do dia 23 de outubro, durante o trânsito na passagem de Palawan, a força de Kurita é atacada por dois submarinos que conseguem afundar dois cruzadores pesados japoneses, e avariar seriamente mais um. Ainda foram desfalcados de dois contratorpedeiros que foram destacados para escoltar o navio avariado. O almirante Kurita e seu estado-maior estavam em um desses cruzadores e foram resgatados do mar por um contratorpedeiro, passando para um encouraçado somente a tarde do mesmo dia (MARTINS, 2009, pág. 471); Análise: O ataque dos submarinos remete a fricção da guerra. O estresse e a fadiga causados pelo combate e pela retirada do mar podem ter afetado a percepção do almirante Kurita.

– Na noite de 23 de outubro, navegando com sua força do Estreito de Mindoro até o Mar de Sibuyan, o almirante Kurita fica muito preocupado com a possibilidade de ataques de submarinos (ITO, 1965, pág. 103); Análise: A possibilidade de ataques submarinos a qualquer momento remete a névoa da guerra, além de causar estresse e ansiedade, afetando a percepção do decisor.

– No dia 24 de outubro ao entrar no Mar de Sibuyan, As forças de Kurita sofrem pesados ataques dos aviões da força de Halsey. Um encouraçado japonês é afundado e um cruzador pesado foi avariado e teve que voltar para Brunei, muitos navios foram avariados. Todos os pedidos de cobertura aérea realizados por Kurita não foram atendidos (ITO, 1965,

pág. 106; MARTINS, 2009, pág. 473); Análise: O ataque por aeronaves remete a fricção da guerra, fadiga e estresse. A falta de cobertura remete a fricção da guerra. Todos podem afetar a percepção do decisor.

– A tarde do dia 24 de outubro, Kurita espera por mais ataques aéreos e recebe uma mensagem do comando em Tóquio informando da grande possibilidade de ataques submarinos na região do Estreito de São Bernardino. Kurita decide voltar com sua força para o rumo oeste e afastar a possibilidade de mais ataques aéreos. Após um tempo, sem mais nenhum ataque aéreo, decide rumar novamente para leste e atravessar o Estreito a noite (ITO, 1965, pág. 108, 109; MARTINS, 2009, pág. 478); Análise: A espera por ataques aéreos e submarinos remete a névoa da guerra e pode gerar estresse, fadiga e afetar a percepção do decisor.

– Na manhã do dia 25 de outubro Kurita recebe uma mensagem de Shima informando da destruição da força de Nishimura. Ainda pela manhã tem contato visual e radar com a força inimiga. Avalia, erradamente, ser a força de Halsey e decide partir para o ataque. A força inimiga foge, Kurita decide persegui-la. Sofre e impõe algumas perdas (MARTINS, 2009, pág. 478); Análise: A perda da força de Nishimura remete a fricção da guerra. A avaliação errada pode remeter a percepção seletiva. As perdas remetem a fricção da guerra e podem afetar o moral.

– Kurita superestima a velocidade do inimigo durante a perseguição e decide parar de persegui-lo, após isso, muda a direção da força para rumo norte. Abandona também os planos de ataque a força de desembarque estadunidense no Golfo de Leyte (ITO, 1965, pág. 129, 130; MARTINS, 2009, pág. 480). Análise: O erro na avaliação da velocidade do inimigo pode remeter a percepção seletiva ou, por saber a velocidade máxima de sua força e considerá-la baixa, ancoragem ou viés de disponibilidade. O abandono a perseguição ao inimigo e ao plano de ataque no Golfo de Leyte pode remeter a aversão ao risco. Não por

covardia ou qualquer outra coisa que contrarie a cultura e o ethos japonês, mas sim por querer resguardar a última parte considerável de uma marinha que ainda tinha um considerável poder.

Como podemos observar, durante a Batalha do Golfo de Leyte, o almirante Kurita esteve praticamente o tempo todo sob estresse e fadiga, o que provavelmente afetou de alguma maneira sua percepção. Em dois casos concretos podemos afirmar isso: Ao achar que a Taffy 3 era a força de Halsey, que tinha navios bem mais poderosos, e ao superestimar a velocidade da Taffy 3 durante a perseguição na Batalha de Samar. Não podemos esquecer que na época ele tinha 55 anos e vinha de inúmeras batalhas anteriores, além de uma vida inteira vivida na insalubridade dos navios de guerra.

Por outro lado, ele foi preparado a sua vida inteira para aquele momento e por mais que o estresse e a fadiga estivessem em um nível alto, não era muito diferente de todas as batalhas navais das quais ele já tinha participado. Talvez a perda da força de Nishimura e a falta de uma cobertura aérea durante os combates, aliado ao seu status de última esperança para um acordo de paz razoável para o Japão, tenham feito com que ele reconsiderasse sua missão e o sacrifício de sua força. Ou então ele e seu pessoal poderiam não confiar na eficácia ou na grandeza do plano SHO 1, como relatado em protestos nos memorandos enviados ao almirante Kurita antes da batalha, que diziam assim:

Não é com a morte que nos importamos, mas com a honra da marinha japonesa. Se o esforço final da grandiosa marinha imperial for gasto em engajar um grupo de navios de carga vazios, com certeza os almirantes Togo e Yamamoto chorarão em seus túmulos. (*ITO*, 1965, pág. 100, tradução nossa).²⁵

Dessa forma, nos fica claro que o plano SHO 1 não era uma unanimidade na marinha japonesa. Veremos a seguir o que alguns autores pensaram a respeito dessa bastante discutida batalha.

25 “We do not mind death, but we are very concerned for the honor of the Japanese Navy. If the final effort of our great Navy should be spent in engaging a group of empty cargo ships, surely Admirals Togo and Gonnohyoe Yamamoto would weep in their graves.”

5.2 Opiniões de alguns autores

A batalha do Golfo de Leyte é bastante conhecida e estudada, tanto em ambientes militares como acadêmicos. Para nos ajudar a formular uma conclusão, seria de muito bom tom vermos o que autores com mais experiência, tempo e acesso a informações concluíram sobre o recuo do almirante Kurita na Batalha de Samar. Veremos também a opinião do próprio almirante Kurita sobre o assunto.

O almirante Hélio Leôncio Martins considera que o principal motivo para o recuo do almirante Kurita na Batalha de Samar foi a exaustão. Segundo ele “o cansaço deforma o pensamento, faz ver coisas que não existem” (MARTINS, 2009, pág. 485). Conclui ainda que, o estado de saúde, bem como a personalidade dos comandantes influem em suas decisões militares (MARTINS, 2009, pág. 487).

Já R. De Belot desconsidera os fatores físicos e psicológicos atuantes no almirante Kurita e faz uma conclusão pautada somente na tática. Para ele o recuo foi devido à desconfiança que Kurita tinha de os navios transportes já terem deixado o Golfo de Leyte e idos para o sul encontrarem-se com a força de Oldendorf que, na cabeça de Kurita, estava subindo no rumo norte. Kurita achava também que as aeronaves da Taffy 3 poderiam pousar em Leyte e atacar a sua força. Além do fato de permanecer sem cobertura aérea e a aviação norte-americana estar cada vez mais ativa. Acreditava também que encontraria uma força mais fraca que a sua nas proximidades do Estreito de São Bernardino (BELOT, 1958, pág. 225).

Por sua vez, Donald Macintyre credita o recuo somente a fatores físicos e psicológicos. Para ele o erro inicial de avaliação de Kurita, ao achar que a Taffy 3 era a força de Halsey, desorientou-o durante todo aquele dia. O fato de Kurita estar há dois dias sem dormir e ter perdido dois navios capitâneas, somado aos maciços ataques aéreos que sua força vinha sofrendo, perturbaram o senso tático do almirante japonês (MACINTYRE, 1978, págs.

100, 101).

Samuel Eliot Morison foi o mais minucioso na parte tática, porém também citou o fato do almirante Kurita ter nadado para salvar-se no dia 23 e ter sofrido pesados ataques no dia 24. Algumas informações novas tragas por ele foram o fato de a fumaça causada pelos navios da Taffy 3, aparentemente, ter impedido os marcadores ópticos dos navios japoneses de adquirirem os alvos e que Kurita tinha admitido, em 1947, que tinha se deixado influenciar por uma transmissão rádio norte-americana interceptada, a qual sugeria que uma poderosa força estava a caminho para socorrer a Taffy 3. Escreveu também que a visão da Taffy 2 pela vigilância do encouraçado Yamato fez com que o almirante Kurita acreditasse ser uma nova força estadunidense chegando. Somando tudo isso com a incerteza sobre a posição da força de Oldendorf e da possibilidade de sua força ser atacada por aeronaves navais baseadas em terra, Kurita decidiu recuar (MORISON, 2002, págs. 298, 299). Por fim, Morison finaliza dizendo que “Kurita achou que sua perspectiva em Leyte era magra e sombria e que era melhor salvar o resto da sua força para lutar outro dia” (MORISON, 2002, pág. 300, tradução nossa).

Masanori Ito, que era japonês, baseia sua análise em quatro pilares táticos e dois psicológicos. Para ele, Kurita tinha sobre seus ombros o peso de resguardar a honra da marinha imperial japonesa, além de ter sofrido severos ataques aéreos nos últimos dias. Na parte tática falou da incerteza sobre as posições das forças de Halsey e Oldendorf, da possibilidade das aeronaves navais estadunidenses usarem aeródromos em Leyte para atacar a força de Kurita e da probabilidade dos navios da força de desembarque norte-americana estarem vazios, já que os primeiros navios tinham alcançado a cabeça de praia sete dias antes e os americanos estarem extremamente adestrados nesse tipo de operação. Realçou ainda que ao aproximarem-se do Golfo de Leyte, as forças de Kurita sofreriam enormes ataques aéreos. Terminou dizendo que “o ataque a força de desembarque poderia resultar em uma morte fútil e uma desgraça perpétua para a marinha japonesa” (ITO, 1965, pág. 134, tradução nossa).

Por fim, mas não menos importante, o próprio almirante Kurita em entrevista a Masanori Ito, atribuiu seu recuo em perseguir a Taffy 3 a exaustão. Que achava que tinha uma força inimiga mais importante próximo a ele e que foi vítima de sua obsessão em destruir os grandes porta-aviões inimigos (ITO, 1965, pág. 141).

Já em seu interrogatório para a Divisão de Análise Naval norte-americana, Kurita confirmou que achava que os norte-americanos já estavam operando com aviões em Leyte e que considerava mais útil ir para o norte, procurar e atacar a força de Halsey do que atacar a força de desembarque em Leyte, e que tinha a intenção de atravessar o Estreito de São Bernardino ao anoitecer.²⁶

Como podemos observar, há convergências e divergências nas opiniões dos diversos autores. Alguns basearam suas análises somente na parte tática, outros basearam as suas somente na parte física e psicológica. A maioria porém, pautou seus entendimentos nos dois aspectos.

Há de se observar também, que a maioria dos autores justificou a decisão do almirante Kurita com mais detalhes do que ele próprio. Talvez por sua personalidade taciturna ou por simplesmente querer esquecer, o almirante sempre falou pouco sobre o assunto (ITO, 1965, pág. 140). Tal fato nos leva a crer que muitas das análises táticas são opiniões dos autores e nunca foram confirmadas, nem pelo almirante Kurita nem por algum oficial de seu estado-maior.

Além do mais, os autores que pautaram sua análise mais na parte física e psicológica foram mais incisivos em afirmar que o almirante errou. Os que pautaram sua análise mais na parte tática, procuraram de alguma forma buscar soluções racionais para as decisões do almirante.

O único autor japonês observado, Masanori Ito, tenta absolver seu compatriota

26 Fonte: USSBS: Interrogations of Japanese Officials – [Nav. No. 9; USBBS No. 47]. Disponível em: <<https://www.ibiblio.org/hyperwar/AAF/USSBS/IJO/IJO-9.html>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

apelando para o desnecessário desperdício de vidas que ele evitou e da enorme responsabilidade que ele carregava sendo a última esperança do povo japonês.

Como observado na análise cronológica das ações e decisões do almirante Kurita, não há nada que nos subsidie para afirmar que seu recuo foi devido ao cansaço ou ao estresse. Os seus erros de avaliação tática sim, podemos dizer que foram frutos de uma mente cansada e abalada e que devido a sua experiência e capacidades ele normalmente não os cometeria, porém ele próprio e diversos autores que escreveram sobre o assunto, dão inúmeros motivos táticos e estratégicos para ele ter deixado de perseguir a Taffy 3 e não ter atacado a força de desembarque no Golfo de Leyte. Podemos concluir que estrategicamente ele só tinha duas opções: A primeira era destruir a força de Halsey, para isso precisaria juntar-se com a força de Ozawa e ter cobertura aérea das aeronaves baseadas em terra e, a segunda era resguardar sua força e esperar uma outra oportunidade de combate mais favorável. Algumas circunstâncias como falta de comunicação com Tóquio, dificuldades para encontrar Ozawa e quase nenhuma cobertura aérea, praticamente o forçaram a tomar a segunda.

6 CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a fazer uma análise de uma decisão militar polêmica dentro do tema: Intuição e racionalidade nos processos decisórios. Para isso foram descritas e analisadas as principais ações e decisões do almirante Kurita no decorrer dos três dias da Batalha do Golfo de Leyte. A escolha de um caso conhecido e muito estudado, como é o caso da Batalha de Samar, traz consigo uma vantagem na facilidade em encontrar farto material disponível para a pesquisa, por outro lado, fica difícil descobrir algo novo e relevante.

Intencionalmente foi escolhida uma teoria menos comum a fim de que a ótica sobre os processos decisórios fosse analisada por um ângulo diferente. Porém, talvez pelo fato dessa teoria ser mais ampla e não especificamente militar, a análise das principais decisões do almirante Kurita não pôde ter sido mais profunda. Ainda nesse contexto, não precisamos de teoria alguma para afirmar que uma batalha, assim como toda a guerra são acontecimentos bastante estressantes e cansativos, ainda mais para quem participa deles diretamente.

O propósito desse trabalho é analisar se o cansaço e o estresse conseguem influenciar nas decisões de comandantes militares extremamente determinados, disciplinados e habituados a batalhas e a decisões difíceis, usando como base para o estudo a polêmica decisão do almirante Takeo Kurita na batalha de Samar em 1944. Como vimos, o almirante Kurita era um homem bastante experiente e acostumado com batalhas e decisões difíceis. A idiosincrasia do povo japonês é de obediência total aos seus superiores e seu ethos descarta qualquer hipótese de covardia ou medo da morte.

Nos aprofundamos um pouco nos fatores históricos e culturais do Japão para entendermos seu modo de agir e pensar e, com isso, descobrimos que eles são um povo bastante orgulhoso de sua história guerreira e são extremamente avessos a qualquer tipo de intervenção externa. Também não gostam de sentirem-se inferiorizados em relação a outros povos. O orgulho japonês, utilizado como ferramenta do nacionalismo, foi o que impulsionou

a busca por recursos naturais e energéticos fora de seu território, fator marcante do seu expansionismo.

No capítulo cinco fizemos o confronto dos fatos e decisões considerados importantes com a nossa teoria apresentada no capítulo dois. Concluímos que em dois momentos, com certeza, a percepção do almirante Kurita foi alterada. Ao avaliar erradamente a força contra qual se deparou ao largo de Samar e ao errar a velocidade dessa força em relação a sua, durante a perseguição. Um comandante extremamente experiente, acostumado com batalhas e que tenha passado a vida toda praticamente em navios, dificilmente comete tais erros. Porém não encontramos nenhuma ação ou decisão que nos permita afirmar que o recuo do almirante Kurita foi ocasionado por estresse ou cansaço, pelo contrário, foram apresentados diversos motivos táticos e estratégicos para a sua decisão.

Em virtude dos fatos apresentados, já podemos responder a nossa questão principal. Teriam o cansaço e o estresse influenciado na decisão do almirante Kurita em recuar suas forças na Batalha de Samar? A resposta é não. Não há nada que nos permita afirmar isso, e explicaremos o porquê.

Naquele momento a guerra já estava perdida para o Japão, tanto que os japoneses achavam que se o plano SHO 1 desse certo, eles teriam condições melhores para negociar a paz com os estadunidenses. Será que o almirante Kurita realmente errou ao poupar sua força e evitar, pelo menos naquele momento, a morte de milhares de japoneses e o fim da marinha imperial japonesa? Ou errou em procurar a força de Halsey para que pudesse conseguir uma vitória de peso para o Japão? Vamos aos fatos: Se ele continuasse perseguindo a Taffy 3 e obtivesse uma vitória para os japoneses, essa vitória seria capaz de reverter os rumos da batalha ou alterar o comparativo de forças? Provavelmente não, a Taffy 3 não era uma força importante assim, era somente uma pequena parte das forças de Kinkaid que estavam auxiliando o desembarque. Importante mesmo era a força de Halsey. Kurita após a suposta

vitória ficaria com alguns problemas tais como: Pouco combustível, menor estoque de munição e quantitativo de navios menor e, provavelmente, se encontraria depois com a força de Halsey que estava vindo a toda velocidade na direção sul socorrer Kinkaid. O fim da força de Kurita seria bastante provável e sem conseguir nenhuma vantagem para o Japão.

Se ele fosse para o Golfo de Leyte e atacasse a força de desembarque? Provavelmente seus navios sofreriam bastante ataques aéreos das aeronaves americanas baseadas em terra e, mesmo se não sofressem, a probabilidade de muitos navios transportes e logísticos já estarem vazios era alta, isso porque os primeiros já tinham chegado há sete dias em Leyte e os americanos estavam extremamente adestrados em operações de desembarque, pois já vinham fazendo muitas há algum tempo, além de saberem do perigo da ameaça japonesa. Novamente a chance seria grande de se encontrar com Halsey e ter a sua força aniquilada. A chance de sucesso de Kurita era impedir o desembarque em Leyte, o que já era um pouco tarde, ou destruir a força de Halsey, o que sozinho e sem cobertura aérea, era praticamente impossível. Kurita sabia melhor que ninguém dessa situação.

Sendo assim, podemos concluir que o almirante Kurita teve a sua percepção alterada, provavelmente devido ao estresse e ao cansaço e isso fez com que ele errasse duas vezes, pelo menos, na cena de ação. Porém sua decisão estratégica de recuar, consideramos que foi a melhor que ele poderia ter tomado no momento. Tentou juntar-se a Ozawa para combater Halsey e, não conseguindo, evitou perdas desnecessárias para o Japão e ainda manteve uma força naval consideravelmente forte, salva.

Voltando ao nosso propósito, acreditamos que aspectos emocionais, físicos e psicológicos afetam a condução do planejamento e a execução das ações, sendo assim é muito importante que os oficiais que ocuparão cargos de comando e direção sejam alertados e preparados para essa realidade. Portanto, é necessário que sejam criados cursos e adestramentos com a finalidade de conscientizar e preparar futuros comandantes para tais

situações.

Durante o estudo, por duas vezes observamos que pilotos superestimaram resultados de seus ataques e que isso afetou de maneira decisiva o planejamento das operações em ambos os lados. Primeiro foram os japoneses, durante as operações preliminares dos EUA para a tomada de Leyte. Depois foram os estadunidenses na Batalha de Sibuyan, o que influenciou na decisão de Halsey de abandonar a proteção da força de desembarque e sair em perseguição a Ozawa. Apesar de ser um assunto interessante e relevante para o setor militar, não conseguimos nos aprofundar muito devido à conseqüente fuga do tema. Sugerimos para pesquisas futuras o estudo de quais fatores podem ter influenciado os pilotos a superestimarem seus resultados em batalhas, se isso ocorreu também em outras batalhas e de que forma esses erros de avaliação afetaram o planejamento de suas forças.

Por fim, para a Marinha do Brasil, sugiro a criação de um curso onde sejam vislumbrados estudos teóricos e treinamentos práticos sobre tomadas de decisões sob estresse e cansaço para futuros comandantes de navios e forças. Esse curso poderia ocorrer durante o Curso Expedido de Atualização para Comandantes (C-EXP-ATCOM), realizado pelo Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão para todos oficiais indicados para o comando.

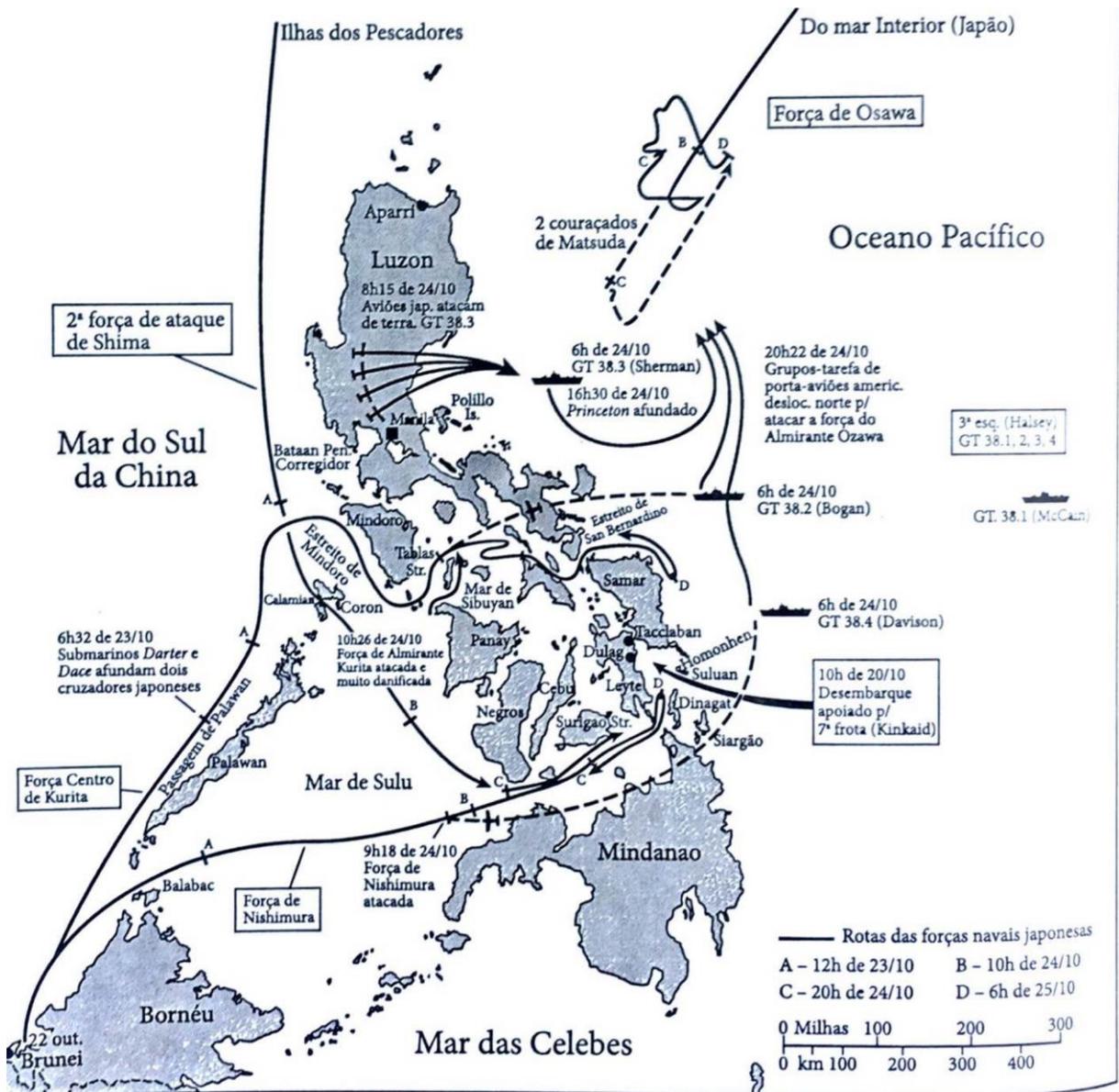
REFERÊNCIAS

- BELOT, R. DE; **A GUERRA AERONAVAL NO PACIFICO**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1957. 273 p.
- CANINAS, Osvaldo, A Névoa da Guerra e a Fricção nos Conflitos Atuais: Pontos Fundamentais na Gestão dos Conflitos Modernos, **Revista PASSADIÇO**, Rio de Janeiro, Ed. 27, ano XX, 2007, p. 14-19
- CHEN, C. **Takeo Kurita**. Disponível em: <https://ww2db.com/person_bio.php?person_id=14>. Acesso em: 06 jul. 2019.
- GONÇALVES, Williams. A Batalha Naval de Midway. In: VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco (Org.). **GUERRA NO MAR BATALHAS E CAMPANHAS NAVAIS QUE MUDARAM A HISTÓRIA**. Rio de Janeiro, 2009. p. 415-459.
- HERMES, M. J. F.; O Japão, Pearl Harbour e a saga do almirante Kimmel. **REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA**, Rio de Janeiro, 2º Tri. 2003.
- HERMES, M. J. F.; O Japão, Pearl Harbour e a saga do almirante Kimmel. **REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA**, Rio de Janeiro, 3º Tri. 2003.
- ITO, Masanori; PINEAU, Roger; **THE END OF THE IMPERIAL JAPANESE NAVY**. Macfadden Books, 1965, 192 p.
- MACINTYRE, Donald; **Golfo de Leyte a maior batalha naval**. Edição brasileira. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda, 1978. 160 p.
- MARTINS, Hélio. A Batalha do Golfo de Leyte. In: VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco (Org.). **GUERRA NO MAR BATALHAS E CAMPANHAS NAVAIS QUE MUDARAM A HISTÓRIA**. Rio de Janeiro, 2009. p. 461-494.
- MORISON, Eliot Samuel; **HISTORY OF UNITED STATES NAVAL OPERATIONS IN WORLD WAR II, VOLUME 12: LEYTE**. University of Illinois Press, 2002. 445 p.
- ROBBINS, Stephen P.; JUDGE, Timothy A.; SOBRAL, Filipe; **COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL teoria e prática no contexto brasileiro**. 14. ed. São Paulo: Editora Pearson, 2010. 633 p.
- USSBS: **Interrogations of Japanese Officials – [Nav. No. 9; USBBS No. 47]**. Disponível em: <<https://www.ibiblio.org/hyperwar/AAF/USSBS/IJO/IJO-9.html>>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- WO, Abyssal. **Vice Admiral Takeo Kurita**. Disponível em: <<https://forum.worldofwarships.com/topic/16677-vice-admiral-takeo-kurita/>>. Acesso em: 06 jul. 2019.

GLOSSÁRIO

- Contratorpedeiro (CT): Navio de pequenas proporções, mais veloz, mais fácil de manobrar, com canhões de pequeno calibre. Seu armamento principal são torpedos.
- Contratorpedeiro de escolta (CTE): Menor e mais simples que o contratorpedeiro, mais lento, armado com canhões de pequeno calibre, três torpedos e bombas de profundidade.
- Cruzador ligeiro (CL): Menor que o cruzador pesado, veloz, armado com canhões de menor calibre.
- Cruzador pesado (CP): Menor que o encouraçado, veloz, armado com canhões de médio calibre.
- Encouraçado (E): Navio de grandes proporções, com as partes vitais protegidas por fortes couraças, armado com canhões de grosso calibre.
- Força-tarefa (FT): A esquadra era dividida em forças-tarefas.
- Grupo-tarefa (GT): As forças-tarefas eram divididas em grupos-tarefas.
- Lancha-torpedeira (LT): De madeira, 37 metros de comprimento, muito veloz, armada com metralhadoras e dois torpedos.
- Navio aeródromo (NAe): Maior que os demais. Porta 100 aviões. É veloz.
- Navio aeródromo de escolta (NAeE): Navio mercante adaptado com um convés de voo. Porta 20 aviões. Utilizado para escolta de comboios, proteção as operações anfíbias e transporte de aviões.
- Navio aeródromo ligeiro (NAeL): Porta 50 aviões. É veloz.
- Submarino (S): Navio que pode submergir e cuja principal vantagem é a surpresa. Armamento principal é o torpedo.

ANEXO

A BATALHA DO GOLFO DE LEYTE²⁷

27 Disponível em: MARTINS, Hélio. A Batalha do Golfo de Leyte. In: VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco (Org.). GUERRA NO MAR BATALHAS E CAMPANHAS NAVAIS QUE MUDARAM A HISTÓRIA. Rio de Janeiro, 2009. p. 492.